

PAISAGENS PARTILHADAS EULER SANDEVILLE JUNIOR

SINOPSE DO ARGUMENTO APRESENTADO À USP PARA CONCURSO DE LIVRE DOCÊNCIA (24 A 26 DE AGOSTO DE 2011)

O trabalho argumenta sobre formas de aprender na e com a cidade, na paisagem, vivenciando coletiva e colaborativamente suas possibilidades, esperanças, dramas, contradições. O ideário propositivo foi pensado como uma Espiral da Sensibilidade e do Conhecimento (<http://espiral.net.br>). Tenho como diretriz que estabelecer processos experimentais, reconhecendo *trajetividades* dessas e outras condições, fundando-se em princípios e valores conscientemente partilhados, poderá estabelecer conjuntamente a potência da ação coletiva e criativa e uma renovação experimental da prática acadêmica e dos horizontes da universidade pública.

A proposta objetiva estabelecer processos de aprendizagem e pesquisa contínua e não linear na construção de um conhecimento livre e sensível, voltado para o ideal de um mundo livre e em paz. Propõe que o pensamento não se despegue de uma ação criativa e crítica que seja ativa e solidária, afetiva, em uma relação experimental com processos naturais e com as contradições sociais de produção e transformação do espaço humano.

Essa proposição alimenta um programa de ensino-pesquisa como aprendizado em ação, envolvendo uma intensa experiência existencial e intelectual na paisagem. Tem como pressuposto que a experiência é indissociável de um processo complexo e crítico de aprendizagem, no qual o sensível e o cognitivo se encontram, tornando-a essencial tanto à interpretação da paisagem, quanto à formação para enfrentamento das questões urbanas e ambientais.

O conhecimento é uma capacidade de aprender continuamente ao caminhar; é isso o que desenha o caminho e sua significação. Tem pouco a ver com seguir um mapa ou um roteiro fechado a priori. A representação científica, seus métodos, seus conceitos, sua previsibilidade devem ter seus alcances e limites expostos. São apenas parte dos meios e nunca os fins. São, quando muito, construções parciais e limitadas que devem se sujeitar a um rigoroso exame de seus conceitos e meios, mas também dos pressupostos e dos valores que as sustentam e por ela são sustentados.

A compreensão da paisagem na qual vinha trabalhando desde 1985 (Sandeville Jr. 1987, 1993, 1999a, 2004a, 2005a) e o conceito da Espiral da Sensibilidade e do Conhecimento desenvolvido a partir de 2002 (Sandeville Jr. 2003, 2008) seriam os fios condutores e os princípios que apresentavam a um mesmo tempo necessidade de aprofundamentos empíricos, socialmente relevantes e experimentais. Desse modo, os projetos e ações fundamentam-se na carta

propositiva e de princípios da Espiral disponível em <http://espiral.net.br> que adota como lema a frase **por um conhecimento livre e sensível, por um mundo livre e em paz**. Essa carta pode ser resumida facilmente nos dois “diagramas” abaixo:

espiral da sensibilidade e do conhecimento	
este projeto deseja propor	este projeto deseja se opor
o desejo de amar	à violência
a alegria	à padronização
o entendimento	ao preconceito
a fraternidade	ao racismo
a paz	à guerra
o respeito	à indignidade
a participação	à exploração do trabalho
a valorização humana	à miséria
a integridade	à corrupção
a justiça	à injustiça
a compreensão	à maldade
o desejo de crescer junto	à ambição
o respeito à diversidade	à exclusão
a generosidade	ao enimesmamento
a simplicidade	à camuflagem



a partir de 2008 inscrevemos nesse diagrama azul conceitual da Espiral a alegria e a amizade, sem o que haveria uma distorção lamentável em seu movimento.

A estratégia adotada foi organizar um núcleo de estudos e ações experimentais. Organizar um grupo de estudos que trabalhasse colaborativamente vencendo da tricotomia proposta pela Universidade de Ensino-Pesquisa-Extensão parecia um encaminhamento lógico e um compromisso de retorno social da possibilidade e da responsabilidade representada pelo ingresso em 2001 como docente na Universidade de São Paulo e em 2003 como orientador em seus programas de pós-graduação. Foi organizado então em 2003 o NEP, Núcleo de Estudos da Paisagem, que atuou basicamente a partir de duas estratégias de ação: uma referente à formação de pesquisadores a partir desse programa; outra, de experiências de curta duração como disciplinas, cursos, oficinas, ações artísticas.

O Núcleo direciona-se à compreensão, apropriação e transformação do espaço, através de processos colaborativos, participativos e de gestão partilhada, e de estudos da história da cultura. Desenvolve pesquisas e ações no âmbito artístico-cultural e do ensino voltados para a compreensão dos processos de produção do espaço, dos instrumentos de sua transformação e da dimensão afetiva e criativa na relação e valoração do espaço vivido. Em uma frase: espera-se aprender em ação com outros parceiros.

Na fase atual, a partir da experiência anterior, os trabalhos convergem em duas estratégias prioritárias de aproximação e discussão da questão urbana e da transformação das paisagens, com objetivo de construir conhecimentos em colaboração com interlocutores externos à Universidade. São essas estratégias as narrativas de vida e as ações culturais, entendidas como mais do que meros procedimentos pesquisa, como experiências humanas transformadoras, a partir da noção de habitar a paisagem e a cidade como uma condição partilhada (embora tensa e contraditória).

Trata-se de abrir brechas transitórias e dinâmicas e construir processos experimentais e afetivos de sociabilidade e decisão como parte do habitar essas paisagens, requalificando-as em ação. Basicamente há três pontos que fundamentam essa experimentação, ou busca. Sem ordem de valor, são:

1. o rompimento do ensino como um sistema fechado sobre si mesmo cada vez mais tratado como produto e negócio;
2. a superação do aprendizado como uma simulação da experiência futura e o reconhecimento da interface necessária com outros saberes para uma construção social do saber acadêmico;
3. a busca de novas formas de organização colaborativas no processo de aprendizagem que se deem em ação partilhada com o outro, externo a esse ambiente.

Seja como for, e considerando que é um campo experimental, espera-se reunir um conteúdo que estimule refletir sobre o ensino e a prática social, e verificar posturas no conhecimento das paisagens e do ambiente. Não se pode desprezar as tensões que podem surgir entre as diversas experiências com a

paisagem e a discussão de uma nova inserção da universidade, quer no ensino, quer na produção de conhecimento, e das implicações de caráter ético, estético, político e ideológico no saber e na ação.

O que significa que o resultado nem é dado a priori, nem é garantido segundo parâmetros de aferição convencionais, do contrário já não seria mais experimental. O programa inicial pode, é livre, para não dar certo. Para transformar-se, para exigir um outro rumo ou mesmo estancar-se à revelia do nosso desejo. Seu resultado é só assim aberto, e o processo de aprendizagem não se dá pelo domínio de um produto sabido a priori, mas na própria experiência de invenção e vivência do processo. Assim, o produto da pesquisa não deve ser pensado como artigos publicados, nem os das disciplinas como trabalhos orientados pelo domínio de um método qualquer e por uma imagem formal resultante a ser atingida a seu termo, mas sobretudo como um conjunto entrelaçado de atividades nas quais se pensa, indaga, pesquisa e decide em ação entre outros. Trata-se de vidas, não de coisas e produtos, trata-se de viventes e não de usuários como já observavam os Situacionistas. Trata-se de aprender em ação com os outros na cidade, vivenciando e pensando *in loco* as contradições e os possíveis de sua transformação em outra direção.

Espera-se que as relações entre sensibilidade artística e experiência e a história vivida sejam fundamentais a essa proposição perante o outro e o ambiente, sobretudo a partir de projetos de educação e formação autônomos. Daí nossa atenção às artes e à memória não como instrumento, mas como construção partilhada do conhecimento. Uma outra característica importante é a atenção à poética mobilizada nessas experiências na paisagem (lembrando que pensamos e vivemos paisagens não só como fato morfológico ou visualidade, mas como experiências partilhadas). É considerada fundamental a atenção de todos os participantes aos aspectos sensíveis dessa relação, recolocando percepções e valores, seja pela vivência dos lugares, seja pela vivência dos processos coletivos de trabalho.

O aprendizado nessas propostas de ensino e de pesquisa se dá noutro lugar; o conhecimento reside na consciência da transformação que ocorre em um processo de interação, subordinando o técnico à existência, à partilha, à solidariedade. O ânimo fundamental do aprendizado em ação, como propomos, é pensar a cidade como um espaço de educação partilhada e experimental. Pensar a educação ultrapassando as fronteiras institucionais, pensá-la em processo aberto, ativo e livre nos coloca diante do constituir-se como construção colaborativa de conhecimentos. Dizia Heidegger (2008) que habitar é o modo como os mortais são na terra. O plural - os mortais - sugere que habitar implica conviver. No entanto, geralmente pensamos a habitação não como uma condição do ser entre e com os outros, mas como uma coisa singular, como uma unidade individualizada e desistoricizada, esvaziada de sua produção como espaço social. Ao contrário, habitar é fazer parte de uma história que nos antecede e nos ultrapassa, representada material e imaterialmente nas paisagens. Essa dimensão do habitar não é a da casa ou a do conjunto, é a da paisagem, é a condição do ser no mundo.

O ato de habitar, essencial e solidário para os viventes, é depositário de todos os nossos saberes, das contradições que engendramos em sua construção, apropriação e transformação. Penso que o fruto material e imaterial do nosso fazer, do nosso trabalho, é um registro contundente de nosso aprendizado. É também o modo como nos representamos. Habitar é portanto habitar valores, representar o mundo, escolher, aprender, ser, conhecer, partilhar, amar. Propriedades que também muitos querem ver na educação como formação criativa.

Ao contrário do que os sistemas tradicionais de ensino fazem parecer, sabemos em ação, agimos no que sabemos, em aprendizado contínuo. As contradições dos nossos saberes são aquelas engendradas em nosso fazer, e vice-versa. Fazer é acessar seletivamente nosso acervo de saberes e transformá-los em ato, dar-lhes novas configurações, torná-los um novo conhecimento e, nesse sentido, faz-se aprendizado. O fruto material e imaterial do nosso fazer, do nosso trabalho, é um registro contundente de todo o nosso aprendizado.

Entretanto, o modo como habitamos tem sido problemático. Podemos reconhecê-lo como uma partilha tensa e contraditória do nosso saber-fazer em um espaço comum, ao nos apropriarmos dele de modo desigual e violento. Nosso habitar tanto tem sido indiferente ao outro, desrespeitoso, brutal, desleal, quanto tem sido afetivo, solidário, criativo, celebrativo. No fluxo cotidiano, não nos damos conta de que estabelecemos entre nós uma partilha conflitiva e contraditória ao realizar nossas ambições e sonhos.

Habitar é existir, e portanto também aprender a existir, em uma paisagem em trânsito contínuo. O espaço habitado, urbano ou rural, nos abriga e, na nossa imaginação, memória, experiência, criamos fluxos da subjetividade com o estar com os outros, constituindo então paisagens conhecidas e paisagens que, vistas, permanecem invisíveis. Estabelece oportunidade de trocas complexas nesse mundo, em sua lenta transformação, quase imperceptível em nossa distração. Que tipo de educação sustenta essas paisagens, que educação necessitam para sua qualificação, o que ensinam sobre nós mesmos e nossas práticas as paisagens e os projetos de educação?

Como construir esse processo? Que oportunidades temos diante de nós?

Particularmente, considero importante pensar uma educação que ultrapasse as fronteiras institucionais. É preciso pensá-la como processo aberto, criativo e livre, que desloque o ilusório rigor administrativo-normativo e ultrapasse o conceito de transmissão de conhecimento produzido, constituindo uma construção colaborativa de conhecimentos. A cidade, com suas desigualdades, demanda formas de conhecer-atuar, que exigem o confronto de contribuições teóricas com procedimentos experienciais. O campo em que se dá a experiência é um espaço socialmente produzido. Compreender a paisagem como histórica e como lugar de experiências, significações, intersubjetividades e contradições, a torna o locus privilegiado no processo de aprendizagem,

reflexão, ação criativa e da educação como construção da liberdade, do afeto e da alegria.

“Estudar as paisagens é, nesse entendimento, estabelecer uma discussão da cultura, de implicações políticas, ou não a perceber como paisagem. Sociedades organizam o território em função de suas necessidades e valores, definindo suas condições de existência. Discutir a paisagem é discutir como nos vimos, como nos vemos, como gostaríamos de ser vistos. É reconhecer, antecipadamente, como seremos vistos como sociedade. Nesse sentido, por vezes a paisagem incomoda (e muito): evidencia nossas práticas para além dos discursos que a camuflam, questiona valores correntes, aponta para um desejo possível de mudança - o que nos proporciona alguma esperança e faz brotar um sentimento de urgência”. Sandeville Jr. 2005a

ANEXOS. Histórico do Núcleo de Estudos da Paisagem

Reconheço três fases no percurso do NEP. Em uma primeira fase nos acercamos de métodos de estudo participantes, sobretudo a observação participante, histórias ou narrativas de vida e oficinas temáticas (em alguns casos grupos focais), construídos os procedimentos no diálogo do pesquisador com o “campo”, a partir de casos de estudo em contextos diversos como comunidades rurais de agricultores e quilombolas, assentamentos urbanos periféricos, grupos sociais específicos como pessoas que não enxergam. O esforço de pesquisa do grupo foi direcionado para enfrentar questões de conhecimento e método que valorizam a imersão e vivência do pesquisador como imprescindível ao seu estudo, na apreensão crítica das percepções, valorações, modos próprios de construir e significar paisagens. Foram realizados também alguns trabalhos que visavam estudar as dinâmicas sistêmicas da paisagem, que deveriam incluir os procedimentos de campo característicos do NEP com a população.

Desde o início estabelecemos estratégias de interface entre as pesquisas e vários procedimentos coletivos (Sandeville Jr. 2011, Sandeville, Broering e Angileli 2010), ampliados na fase atual. Foram importantes também as ações e convívios independentes da Universidade, com coletivos de arte e ativismo em São Paulo, a partir de 2004, em especial na rede Coro, no EIA, e em inúmeros encontros e festas em que trocamos questões essenciais às nossas práticas. São pesquisas e disciplinas que expressam essa etapa, entre inúmeras outras realizações de curta duração como oficinas, cursos e fóruns, envolvendo integração entre atividades experimentais com parceiros externos à Universidade, em processos colaborativos de organização e proposição.

Por volta de 2008 podemos reconhecer o início de uma segunda fase do NEP. Esse conjunto de atividades desenvolvidas em grupos de trabalho, em ações independentes, em programas de ensino e pesquisa, a reflexão sobre os resultados já alcançados nas pesquisas realizadas e também dificuldades do percurso, permitiram identificar pontos-chave para avançar em direção a novos desafios de ações e organização dos trabalhos. Os anos de 2008 e 2009 foram anos de busca de uma nova forma de trabalhar, derivada da primeira, entendida aqui como um aprendizado coletivo e exploratório do que se propusera em 2003 como programa e ideário de trabalho, cujos resultados até 2008 possibilitavam uma revisão crítica. Assim, em 2009 ampliamos gradualmente as diversas experimentações de natureza colaborativa como forma de construção do conhecimento e assentamos a organização do NEP em novas bases.

A fim de permitir a comparação entre as pesquisas e suas questões metodológicas, bem como uma articulação não apenas conceitual, mas também operacional, a partir de 2009 adotamos como foco dos estudos do NEP a Região Metropolitana de São Paulo. O objetivo nesses últimos três anos foi produzir um conhecimento que permitisse apontar a pesquisa para ações mais concretas em colaboração com comunidades, instituições ou grupos específicos, e obter recursos para solidificação da equipe, sem diluir ou reduzir a dimensão do rigor na construção do conhecimento. O que tem nos permitido também a gradual integração (ainda em curso) das experiências didáticas, das pesquisas e de outras ações desenvolvidas pelo Núcleo junto a comunidades, associações e outros contextos como Fóruns, oficinas e atividades culturais e artísticas, com integração crescente dos pesquisadores no conjunto de atividades desenvolvidas pelo NEP. Outra frente fundamental para as proposições do NEP foi a gradual implantação de um núcleo na Brasilândia (ainda em curso). Atualmente novas frentes de estudo estão sendo abertas na região norte em parceria com coletivos como Cicas e em Perus em parceria com a Quilombaque e outras comunidades locais, além de parceria que se inicia com ocupações na área central. Desde 2008 um conjunto de trabalhos foi também sendo possível na zona sul, inicialmente através da cooperação com outros núcleos de pesquisa da USP e depois pela organização de uma frente de pesquisas de pós-graduação na região.

A partir da reorganização desses projetos e de um esforço de consolidar uma

identidade temática maior que se pretende desenhar uma terceira fase possível do grupo, que julgamos estar iniciando. Na segunda fase desenvolvemos trabalhos na zona de fronteira do Distrito da Brasilândia, em Embu, Itapeverica, e na área de mananciais do município de São Paulo no interflúvio Billings-Guarapiranga. Na terceira fase permanecem essas linhas de trabalho e estão se iniciando no momento novos programas na região do ABC, região central de São Paulo e Distrito de Perus. É importante que se diga do caráter experimental dessas ações. Articulam-se esses trabalhos em três núcleos colaborativos de estudos da transformação da paisagem: Cantareira, Mananciais, Centro.

Apresento nas próximas páginas uma relação de pesquisadores, pesquisas, ações, localidade dos interlocutores, que constroem colaborativamente o NEP.

ANEXO I - Quadro de pesquisas do Núcleo de Estudos da Paisagem			
início	conclusão	pesquisador	pesquisa
PÓS-DOCTORADO			
2011		Solange Aragão	Arte e Cidade. Representações no período colonial e no Império.
DOCTORADO			
2008	2012	Cecilia Maria de Moraes Machado Angileli (Arquiteta)	Arquitetura na Favela e Arquitetura da Favela: Vila Brasilândia. Bolsa FAPESP
2007	2012	Silvia M. R. Valentini (Artista Plástica)	Os Sentidos da Paisagem nas pessoas que não enxergam.
MESTRADO			
2004	2007	Cecilia Maria de Moraes Machado Angileli (Arquiteta)	Paisagens Reveladas no Cotidiano da periferia. Distrito de Brasilândia, Zona Norte do Município de São Paulo
2004	2007	Flávia Tiemi Sugimoto (Turismóloga)	Paisagens do Médio Tietê: Formas de Uso e Apropriação de suas Águas para o Lazer
2005	2008	Catarina Faria Alves Silveira (Biólogo)	Lá e aqui: estudo das práticas de transformação da paisagem em comunidades rurais da Zona da Mata Mineira.
2005	2008	Rosana Silva Vieira (Arquiteta)	Paisagens Invisíveis: os Sertões de Ubatuba
2006	2009	Juliana Cavalheiro Moreno (Arquiteta)	Temporalidades da Paisagem: uma análise das temporalidades que emergem no espaço de vida da comunidade quilombola Pedro Cubas, Vale do Ribeira, SP
2004	2007	Ana Paula Veras de Paiva (Arquiteta)	Urbanização e Impactos na Paisagem Litorânea: Um Estudo de caso com a População no Município de São Sebastião
2005	2007	Lucía Beatriz Bernardi de León (Agrônoma)	Aporte das áreas verdes à conservação da natureza em Parque Natural Municipal, Montevideu, Uruguai
2007	2010	Cláudia Cruz Soares (Pedagoga)	Heliópolis: educação pela paisagem
2008	2001	Andreia Broering (Geógrafa)	Mecanismos de envolvimento comunitário e gestão da paisagem do entorno de reserva particular de patrimônio natural - RPPN: Estudo de caso Paulo Lopes, Santa Catarina
2008	2011	Mônica Y. Bierwagen (Advogada)	Sociedade de Consumo e Sustentabilidade
2010		Simone Miketen (Socióloga)	Educação ambiental popular como ferramenta de integração de e gerenciamento na APA Bororé-Colônia. Bolsa CNPQ.
2011		Henrique Pozo (Biólogo)	Reconstruindo paisagens: o caso da pesca no Parque Estadual Xixová-Japuí, São Vicente e Praia Grande, SP
2011		Priscila Ikematsu (Engenheira Ambiental)	A gestão participativa das áreas de mananciais da Região Metropolitana de São Paulo: o caso Área de Proteção e Recuperação da Bacia Hidrográfica do Guarapiranga (APRM-G)
2011		Gabriella Raddoll (Arquiteta)	Potencialidades para criação de sistema de espaço público de conservação e lazer na área de interflúvio da Guarapiranga e Billings

ANEXO I - Quadro de pesquisas do Núcleo de Estudos da Paisagem			
início	conclusão	pesquisador	pesquisa
2011		Lucia Omar (Geógrafa)	O papel do Mangal na Conservação e desenvolvimento sócio-ambiental na Ilha de Moçambique. Bolsa fundação FORD.
MESTRADO EM PROCESSO SELETIVO			
		Melissa Matsunaga (Arquiteta)	A paisagem em intervenções de requalificação urbana, o caso do Cantinho do Céu.
		Miriam Modesto (Arquiteta)	Paisagem Inclusiva: Uma Concepção Cultural e Multisensorial
INICIAÇÃO CIENTÍFICA			
2004	2005	Roberto Rüsche (graduação, FAU)	Potencialidades para a Criação de um Sistema de Espaços públicos de Conservação e Lazer na sub-bacia do Córrego Padre Simplício, Jundiaí, SP
2008	2009	Gabriella Raddoll (graduação, FAU)	Sistemas de Espaços Livres e População em bacia no Município do Embú (menção honrosa no 17 SIICUSP)
2011		Rafael Siqueira (graduação, FAU)	Transformação da paisagem e apropriação dos espaços públicos no Jardim Julieta, Vila Maria, São Paulo
2011		Larissa Nebesnyj (graduação, FAU)	A margem do centro: representações da cidade em duas ocupações no centro de São Paulo
TRABALHO DE GRADUAÇÃO ASSOCIADO A PESQUISA			
2009	2010	Gabriella Raddoll (graduação, FAU)	Projeto Participativo em bacia urbana, Embu, SP
2011		Gabriel Fernandes (graduação, FAU)	Somos todos arquitetos
ALUNOS DE GRADUAÇÃO SEM PESQUISA DEFINIDAS OU COM OUTRA ATIVIDADES,			
2010	2011	Rafael Siqueira (graduação, FAU)	Bolsa Convênio Dersa/USP
2010	2011	Larissa Nebesnyj (graduação, FAU)	Bolsa Convênio Dersa/USP
2010	2010	José Muñoz (graduação, intercambista)	Bolsa Convênio Dersa/USP
2010	2010	Andréa Conard (graduação, FAU)	Bolsa Convênio Dersa/USP
2010	2010	André Manfrin (graduação, ECA)	Bolsa da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
FORMAÇÃO DE PESQUISADORES - SEGUNDO GRAU			
2011		Tainá Salvador	Bolsa Secretaria de Educação
2011		Letícia Santos	Bolsa Secretaria de Educação
2011		Isabella Fontolam	Bolsa Secretaria de Educação
projetos de pesquisa em elaboração			
2011		Gisele Porto (Psicóloga)	Saraus da periferia, redes e cultura urbana em São Paulo
2011		JC Silva (Assistente Social)	Memória dos negros na Brasilândia
2011		Mitiko Yamamoto (Pedagoga)	Memória dos japoneses na Brasilândia
2011		Caio Castor (Fotógrafo)	Formas de apropriação do espaço, relações de poder e sociabilidade em ocupações na área central de São Paulo

ANEXO II - projetos com parceiros externos à Universidade, interfaces criativas com o ambiente e processos coletivos de trabalho (o quadro não relaciona oficinas e outras experiências de duração menor)

início	conclusão	projeto	parceiros
2002	2003	Projeto Salto da Divisa	Grupo de Defesa dos Direitos Humanos de Salto da Divisa, MG ¹
2005	2006	Projeto Pirajussara /Fórum Permanente da Paisagem: Bacia do Pirajussara	ASSEC, AMAPAR, UNIBT
2005	2006	Projeto Aricanduva	Subprefeitura do Aricanduva
2007	2008	Projeto Pedra Grande, Atibaia	Ecopousada Pedra Grande, Prefeitura Municipal de Atibaia, Ministério Público, Laboratório Ecofisiologia das Comunidades Vegetais, IB USP , ONG Simbiose, COMTUR e COMDEMA
2009	2010	Projeto Heliópolis	UNAS - união de Moradores do Heliópolis e São João Clímaco
2008	2008	Software Livre para a UNAS Escola Aprendiz, Heliópolis	UNAS Heliópolis
2009	2009	Introdução à História da Arte no Século 20	UNAS Heliópolis
2010	2010	Projeto Vidas Imaginadas na Brasilândia	Pró-reitora de extensão e cultura da USP, projeto Chão, ocupação Ordem e Progresso, Brasilândia
2008	2010	Aprendizagem Social na Gestão de recursos Hídricos, projeto de Políticas Públicas da FAPESP	Gov Águas, Prefeitura de Embu, FAPESP. NEP: colaboração.
2010	2010	Oficina da Cidade. Formação de Educadores populares.	UNAS - união de Moradores do Heliópolis e São João Clímaco
2009	2011	Plano de Manejo dos Parques decorrentes da compensação ambiental do Rodoanel Trecho Sul	Coordenação Departamento de Geografia da USP. NEP, coordenação de infraestrutura. Parceiros institucionais: Dersa, Prefeituras de Embu, Itapeverica, São paulo, São Bernardo, Santo André.
2009		Núcleo Brasilândia	Associação Cantareira, moradores
2010		Projeto Cicas	CICAS, SMC PMSP, Sub Prefeitura Vila Maria
2010		Núcleo Guarapiranga/Billings	Prefeitura do Município de São paulo, Associações locais, Comitê da APA Bororé.
2010	2010	Oficina da Cidade, Heliópolis	UNAS Heliópolis
2011		Núcleo Perus	Associação Quilombaque e moradores
2011		Núcleo Centro	ocupações no centro de São Paulo

1 A parceria decorreu de viagem de estudos realizada pelo Vale do Jequitinhonha. Essa viagem foi definitiva na decisão de constituir o Grupo de Pesquisa.